



Uso do espaço por uma espécie de ave ameaçada reintroduzida na Mata Atlântica

Livia Dias Cavalcante-Souza¹, Milene Alves-Eigenheer², Christine Steiner São Bernardo³, Alecsandra Tassoni⁴, Pedro Ferreira Develey⁴, Carlos Ramón Ruiz-Miranda^{1,2}

¹Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, CBB, UENF; ²Fundação Mico Leão Dourado, Reserva Biológica de Poço das Antas; ³Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT;

⁴Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil, SAVE Brasil

O monitoramento de animais reintroduzidos é imprescindível para avaliação das ações de projeto de conservação, além de possibilitar a coleta de informações da biologia de espécies cujos dados são escassos como é o caso de espécies ameaçadas. Neste estudo, o uso do espaço (áreas de vida e dispersão) por jacutingas reintroduzidas foi descrito em duas áreas de Mata Atlântica. Foi avaliada a composição da paisagem na área de vida e nuclear, assim como a influência de características individuais e da área de soltura na determinação do uso do espaço pelas jacutingas. Entre junho de 2016 e maio de 2018, 11 jacutingas foram soltas para soltura na Mata Atlântica do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Caraguatatuba (PESM) (n= 4) e da Área de Proteção Ambiental de São Francisco Xavier (SFX), município de São José dos Campos (n= 7), no estado de São Paulo. Todas as jacutingas receberam radio transmissores do tipo mochila VHF ou UHF e o monitoramento dessas aves foi realizado diariamente, entre 06:00 h e 18:00 h, por meio de busca ativa e radio telemetria. Ao todo, 649 localizações referentes às 11 jacutingas foram registradas, sendo 548 localizações em SFX e 107 no PESH. Todos os indivíduos permaneceram próximos às áreas de soltura durante todo o período de estudo, com exceção do primeiro mês após a soltura, onde as jacutingas exploraram mais o ambiente. A média de distância do viveiro foi de 268,8 m ($\pm 363,2$), com mediana de 141,7 m. As jacutingas exibiram dependência em relação ao viveiro de aclimação mesmo após três meses de soltura. As áreas de vida e nucleares, calculadas para oito aves, variaram bastante, com uma média de 288,6 ha ($\pm 334,6$) para as áreas de vida e 64,0 ha ($\pm 83,0$) para as áreas nucleares. A seleção de modelos indicou que a área de soltura foi o principal fator que influenciou o tamanho das áreas de vida, enquanto que o sexo foi o fator determinante no tamanho das áreas nucleares. Ambas as áreas de vida e nucleares foram compostas predominantemente por florestas. Apesar do curto período do monitoramento, este estudo evidência que as aves permaneceram próximas às áreas de soltura e utilizaram áreas de vida e nucleares compostas predominantemente por habitats florestais.